TL7013

CONSELHO NACIONAL DA RESISTÊNCIA MAUBERE - C N R M

C E L / F A - C E L / F C

Documento Nº 1/05/95.-

APRECIAÇÃO SOBRE AS QUESTÕES LEVANTADAS PELO CHEFE DO EMF NO SEU 1º RELATÓRIO DE AGOSTO DE 1994

A - No repasse ao estudo das questões relacionadas com a nossa luta de Libertação Nacional em cada etapa e fases de seu desenvolvimento, contidas no Relatório do companheiro Chefe do EMF, de Agosto de '94, a Chefia do CEL/FA e CEL/FC consideram de extrema importância esclarecer algumas questões pertinentes, essencialmente das que dizem respeito à condução do nosso processo de Libertação da Pátria ocupada, tanto no plano de definição de estratégias como no da definição de tácticas importantes correspondentes, tanto no plano de competências de decisão como no elaboração de teorias que conduzem e fazem convergir os nossos esforços e preocupações na materialização das tarefas de Libertação Nacional em cada frente de luta num aproveitamento integral de todas as condições reais e potenciais para fazermos avançar a nossa luta e vencer a guerra, libertando a nossa Pátria da ocupação indonésia!

B - Mas, antes demais, desejamos manifestar aqui o nosso apreço, a nossa admiração ao esforço desenvolvido pelo companheiro CEM Ruak no estudo da situação militar do conjunto, na identificação dos problemas vitais que obstruem os n/ esforços conjuntos na materialização das tarefas da luta em cada frente de combate mas, de uma forma especial, da Frente Armada, apontando soluções ou metódos de solução para evitar a exterminação fatal das FALINTIL e dinamizar as suas acções com vista a alterar-se o actual estado em que elas se encontram, sem deixarmos contudo, de apontar também uma notória ausência de correspondência do pensamento à realidade por conduzí-lo fora do contexto da estratégia global de solução do conflito traçado pelo Comando Superior da Luta!
Aliás, será sobre este aspecto que centraremos a nossa apreciação pois é aqui que reside fundamentalmente o nó da questão sobre a qual gostaríamos de tecer algumas considerações.
Entretanto, desejamos alcarar também desde já que a nossa apreciação não constitui, em si, algum debate teórico nem muito menos um desejo de confrontação, ao que julgamos desnecessária e inoportuno para o actual momento da nossa luta no qual Jacarta e seus comparsas se esforçam para dividir e desmembrar as diversas componentes da Resistência Timorense, explorando contìnuamente todas as divergências e contradições no nosso seio para nos antagonizar, atiçando-as! Ao fazermos aqui recurso a muitos factos, somos movidos simplesmente pelo desejo de aclarar as questões e procurando respostas às nossas preocupações!

C - Assim:

1 - Passamos por considerar que o Relatório do companheiro CEM Ruak embora fosse extremamente útil, pela capacidade de análise e identificação e previsão das contradições da actual etapa da nossa luta e de etpas seguintes, nas frentes armada e clandestina, definindo os metódos de solução, nós queremos esclarecer que o mesmo Relatório é a resposta , taco-a-taco, das questões apresentadas na carta do nosso Líder Máximo a ele dirigida, uma resposta desafiadora, tendente a agudizar as contradições, porque padece de humildade, ao que julgamos indicar um mau começo nas relações entre as componentes da Resistência. Porquê?

1.a - Em primeiro lugar, o companheiro CEM manifestou um profundo mal-estar, um sentimento de humilhação face às críticas que o Cmdt-das-FALINTIL lhe dirigiu e o Relatório constituia a melhor oportunidade para manifestar o explosão do seu sentimento de revolta, o seu puxismo, chegando ao extremo de , indirecta mas explìcitamente, aceitar a morte do nosso Irmão e nosso Líder Máximo, atitude que se pode compreender quando, ao procurar alertar para não se tomar as suas preocupações como uma manifestação do seu "desespero", afirma que "...desesperados estavam o Mau Hodu e Má Huno que preferiram lutar , mas fugindo de uma morte imenente!", acrescentando ainda que, "...aliás, eles fizeram bem porque é também uma forma de luta!" A expressão não esconde, de forma nenhuma, o estado das suas convulsões psicológicas, a indisposição de espírito para a aceitação das críticas, a animosidade dos seus sentimentos, enfim, constitui a expressão máxima do seu sentimento de humilhação e de vingança porque embora fosse dirigida para os irmãos Hodu e Huno, considerando-os cobardes, porque preferiram a vida a morrer combatendo e entregaram-se ao inimigo para irem buscar novas formas de luta, o alvo verdadeiro é o nosso Líder. Sim porque a verdade é que até hoje, 2, 3 anos após à sua captura, não os vemos Mau Hodu e Má Huno empenhados nalguma actividade da luta a não ser das suas vidas privadas em contraste com as do nosso Líder Máximo, altamente meretórias, dignas de louvor e admiração e motivo de ânimo e de coragem que nos inspira determinação para lutar!

Na verdade, o irmão CEM queria com a sua expressão dizer que o nosso Líder Máximo foi cobarde porque se tivesse sido algum herói, teria combatido até à morte, ou então, que o Cmdt-das- FALINTIL vinha definindo uma nova estratégia para si, a de "aceitar a derrota militar das FALINTIL" para reivindicar a vitória política nas mãos do inimigo, mas isso não passará de "capitulação política" porque sem uma melhoria da nossa capacidade militar pela intervenção de apoio mili-

tar do exterior, as FALINTIL serão, invariàvelmente, "...carne para o talho javanês" e como consequência, capitularemos politicamente!
Pensamos que essa forma de condução do em seu pensamento é que se traduz na sua impaciência.

1.b.- Em segundo lugar, pensamos que não buscamos o debate como o meio para provocarmos confrontações, para puxarmos para nós a validade das nossas ideias como se fóssemos os únicos donos e detentores da razão!
Quanto a nós, os debates servem para aclararmos posturas, para distinguirmos o erro da verdade, para conhecermos que neste ponto erramos e naqueloutro, acertamos, para provarmos que neste fomos subjectivos e naqueloutro fomos objectivos, para acertarmos posições, para corrigirmos falhas e com humildade aprendermos dos nossos próprios erros e, dos outros, os seus pontos de vista correctos, enfim, os debates constituem um meio de aprendizagem mútua, uma escola de formação e não um meio de defesa das nossas personalidades feridas!
Uma leitura atenta do Relatório do irmão Ruak podemos depreender invariàvelmente com uma coisa: a confrontação aberta e, algumas vezes, discreta das suas ideias com as do nosso Líder Máximo procurando encontrar na força dos seus argumentos razão para validar as suas ideias, o seu pensamento que, julgamos errado porque: em 1º lugar, nalguns aspectos pontuais não corresponde a verdadeira realidade e, em 2º lugar, porque conduz o seu pensamento à margem da estratégia global de solução do conflito de TL definido pelo Cmd Superior da Luta, não se negando que existe uma preocupação louvável do irmão Ruak na busca de meios de luta e formas de acção para resolver os gravíssimos problemas que afectam a n/ luta, em particular, no que concerne a situação militar das FALINTIL condenadas à exterminação final como se a fatalidade do destino assim a determinasse. E, na realidade, o destino da Pátria tornou a fatalidade da sua (=Falintil) exterminação como o seu único e invariável destino para os guerrilheiros.
Sim, o destino da nossa Pátria tornou a exterminação das FALINTIL uma fatalidade como uma necessidade exigida pela Pátria, como uma exigência da luta e não é, nem será de forma alguma, "...sacrifício a mais para as FALINTIL" mas, uma honra e um orgulho para nós todos e para as gerações vindouras, um factor mobilizador de vontades, de coragem, uma fonte de inspiração para à luta e de amor à Pátria!

2 - Solução político/diplomática ou solução militar? Necessidade de um pensamento comum e linguagem única.
Nós pensamos que todos os nossos esforços e preocupações no estudo e análise da situação da nossa luta deve, fundamentalmente, basear-se nas realidades específicas em que a nossa guerra de Resistência Nacional se desenvolve, a

a caminho de 20 anos, Resistência essa que, alimentando-se das suas pró - prias condições internas, vem garantindo à si a sua manutenção, sobrevivên cia e continuidade, passando por etapas particularmente críticas, fases e extremamente difíceis e momentos emocionantes e, muitas vezes, inelutáveis mas, apesar disso tudo, os resistentes mauberes souberam provar, ao longo dos anos, firmeza e perseverança na luta!

A progressão decrescente da nossa luta armada cujas causas como todos sab bem, provinham, por um lado, dos nossos graves erros políticos e militares de condução da guerra com reflexos negativos para o plano diplomático e, por outro, da enorme superioridade militar do inimigo e dos seus meios de combate, das suas enormes potencialidades e recursos económicos e finan - ceiros, das realidades conjunturais tanto internacionais como da área em que Timor Leste está inserido, da impossibilidade de conseguirmos a interven ção de um apoio militar do exterior para melhorarmos a capacidade das FA- LINTIL para além de outros condicionalismos envolventes à nossa Resistên cia que tornaram a nossa luta numa guerra de libertação sem paralelos nes te mundo, onde apenas a força da razão e do direito, os valores de justiça e de paz e a justeza da nossa causa nos alimentam forças para nos manter- mos em pé!

Escusado seria dissertarmos aqui considerações teóricas sobre a guerra, t tanto mais que não temos bagagem teórica para tal.

Mas pensamos que era com base no estudo das realidades específicas da nos sa luta, na noção que se teve e se tem da gravidade dos erros de condução cometidos e de necessidade de corrigirmos as nossas falhas para fazer a nossa luta andar para frente com os seus próprios pés e alimentando-se da sua própria seiva, o Cmdo Superior da Luta, utilizando das suas compet tências e deveres, traçou com correcção a estratégia global de solução da guerra para o todo da luta e as estratégias parciais para cada frente da luta, suas etapas de desenvolvimento, as orientações gerais e as tácticas importantes de materialização das estratégias traçadas para conduzir os n/ esforços na materialização dos objectivos definidos a alcançar em cada fm frente de combate cuja materialização gradual e consequente garantirão a materialização da estratégia global traçada para a solução da guerra e a conquista da paz para a nossa terra!

O prolongamento indefinido da nossa guerra e as dificuldades incontáveis que o próprio prolongamento da guerra veio e continua impondo-nos em todas as frentes de luta mas, de uma forma particular, a RA, traduzidas hoje na redução drástica dos efectivos das FALINTIL , caminhando-se em direcção à exterminação fatal, actuou profundamente nas nossas consciências e nenhum combatente da Pátria, do simples e analfabeto camponês das aldeias mais re côditas do nosso país ao guerrilheiro mais "novato" aceitará a nossa der

rota muito menos ainda é o Comando da Luta, "...vendendo as FALINTIL ao talho javanês!"

As dificuldades inerentes à nossa guerra aconselharam a Direcção da Luta a adopção da estratégia de solução político/diplomática para o todo da guerra, enquanto para as FALINTIL deifiniu-se a estratégia de sobrevivência face à estratégia do estratégia de exterminação total da guerrilha que o comando militar do ocupante definiuç para si, para a condução dos seus esforços em busca de uma solução rápida do conflito!

Como então assegurar a sobrevivência das FALINTIL? Uma intervenção militar do exterior ou a aplicação na prática das orientações superiores na área militar de "poupar homens e material e capturar armas ao inimigo em cada combate" assegurando no mínimo, um remuniciamento militar, para garantirmos a continuidade das nossas acções de recuperação do material do inimigo? Aqui reside fundamentalmente o confronto do pensamento com a realidade e aqui reside fundamentalmente também a base do confronto que existe entre o CEM e o Cmdt-das-FALINTIL, o Líder Máximo da Resistência.

Nunca ninguém menosprezou a necessidade de uma intervenção militar do exterior e muito menos o nosso Líder. Mas os próprios condicionalismos da nossa luta (que não importa aqui mencionar por razões que todos devem compreder) sempre tornaram inoperantes a realização dos nossos desejos! Portanto sempre nos foi difícil ou, melhor dito, impossível a intervenção de apoio militar do exterior e é aconselhável não alimentarmos ilusões para fomentar a nossa impaciência. Não devemos incutir na mente dos nossos homens soluções impossíveis de conseguir porque isso poderá criar situações que fogem do nosso controle e isso é muito prejudicial à condução dos nossos esforços pois como dizia um provérbio popular: "Quem muito espera, desespera!"

É uma necessidade imperiosa da nossa luta assegurarmos a sobrevivência das FALINTIL e para que isso aconteça, é necessário o concurso de diversos factores e, sendo o militar o aspecto dominante, não se pode menosprezar o apoio político, logístico e refúgio, segurança e financeira à guerrilha!

Mas conduzirmos o nosso pensamento na base da melhoria da capacidade militar das FALINTIL como a melhor forma de assegurarmos uma "verdadeira sobrevivência da RA", é fugirmos das condições específicas em que se situa e se desenvolve a nossa Resistência, pois, é precisamente por não podermos rechaçar e neutralizar as sucessivas ofensivas militares dos ocupantes combinadas com as acções de contra-guerrilha e do repovoamento populacional e controle territorial, cujo objectivo último sempre foi e continuará sendo a exterminação total dos "sobreviventes das FALINTIL", é que opômos à ~~mera~~ a estratégia de sobrevivência! Porque se na uma "verdadeira sobrevivência das FALINTIL" deve fundamentalmente ~~basear-se~~ basear-se na melhoria da capacidade

militar do nosso exército de guerrilha, pela intervenção militar do exterior, aqui, pensamos que, a acontecer esse impossível, a estratégia já não será a de sobrevivência, aqui, a estratégia será outra ou na contra-ofensiva a estratégia será uma e, na ofensiva militar, outra! Ou, então, ainda não compreendemos as verdadeiras causas que determinaram o traçado da estratégia da sobrevivência das FALINTIL? Ou é uma forma de pressão?

3 - "Pensamento único e linguagem comum para uma prática mais centralizada das nossas actividades."

Todos nós compreendemos e defendemos que é necessário, é indispensável que existe no Cmdo Superior da Luta unidade no pensamento para se conseguir uma linguagem comum capaz de orientar e mobilizar as FALINTIL e os nossos compatriotas na Frente Clandestina para se conseguir uma prática de actividades mais consequentes, obedecendo a uma orientação única, naquilo que costuma chamar-se de centralização de comando e actividades, evitando a que cada um defina para si o que pode e que deve fazer sem ter em conta as orientações definidas superiormente!

Se o Comando da Luta s(= Cmdt-das-FALINTIL)define que a estratégia global de solução do conflito é político/diplomática e que o método de realização desta estratégia se traduz no Plano de Paz do CNRM, ou ainda, se no plano político, a estratégia é de consolidação da Unidade Nacional e para as FALINTIL, a estratégia é de sobrevivência, pensamos que para se obter um pensamento único deve fundar-se essencialmente no pensamento estratégico definido pelo Comando Superior da Luta!

Se o pensamento deve reflectir a realidade, a realidade da nossa luta determinou a definição das estratégias da Luta!

Não se impôs algum pensamento estratégico, não se impôs nenhuma teoria a seguir! As estratégias definidas pelo Comando Superior da Luta foram amplamente transmitidas e se persistimos na sua defesa é porque temos a garantia que um tal pensamento, um tal plano teve garantias de serem realizadas!

Importa que haja empenhamento persistente na sua implementação. É importante actuarmos com dinamismo e iniciativa, com humildade e dedicação!

Não podemos, na verdade, apelarmos para um pensamento comum quando nós próprios não o praticamos. Por exemplo, se o Cmdt-das-FALINTIL diz que a estratégia de sobrevivência para as FALINTIL responde a nossa incapacidade militar de fazermos face às ofensivas militares dos TNI com o objectivo de nos exterminar totalmente, pelos condicionalismos da nossa luta, mas, o EMF defende que uma "verdadeira sobrevivência das FALINTIL" deve fundamentar-se essencialmente no aumento da capacidade militar das FALINTIL, aqui, já não pode haver pensamento único e linguagem comum!

Voltamos a repetir: ninguém menospreza a importância do factor militar da

nossa Resistência, ninguém se despreocupará em como resolver o problema da melhoria da capacidade militar das FALINTIL, apenas as realidades inelutáveis da nossa luta armada constituem o nosso embaraço!

A nossa luta e sobrevive do seu próprio desenvolvimento, das suas próprias condiçoes internas, a nossa luta vive porque nós, os seus actores directos e participantes, a fazemos viver em todas as frentes de combate!

A nossa luta tem que estar aberta a críticas para fortalecer a coesão das nossas estruturas, para consolidar a solidez da nossa organização, para fortalecer a Unidade de Direcção e desta com as restantes componentes!

É um dever e uma obrigação nossa analisarmos criticamente o processo de condução da nossa guerra e seu desenvolvimento em cada momento, fase ou etapa, é uma obrigação apresentarmos os nossos pontos de vista para corrigirmos os erros, para melhorarmos os nossos planos, para fazermos os acréscimos necessários no intuito de fazermos convergir os nossos esforços e preocupações, o nosso pensamento e as nossas acções, a fim de fazermos a nossa luta andar e não para desafiarmos os outros.

Não podemos apelar para um pensamento único quando na Direcção da Luta existem estratégias diferentes de condução e solução do conflito. Não podemos apelar para a Unidade quando nós próprios fomentamos as contradições no nosso seio, quando no lugar de solidariedade e compreensão, manifestamos atitudes desafiadoras!

Na verdade, as questões apresentadas pelo irmão CEM reflectem a sua verdadeira preocupação sobre a necessidade de resolvermos os gravíssimos problemas que afectam a nossa dificílima Resistência e desejamos, mais uma vez, manifestar a nossa sincera admiração! Apenas desejamos realçar a forma como ele conduz o seu pensamento e é isso o que nos magoou mais! Esperamos que o irmão CEM reflicta um bocado mais sèriamente e reveja as suas posturas em benefício único da nossa luta de Libertação Nacional, na qual nós todos estamos empenhados!

4 - A Frente Clandestina: "Parceira forte" das Frentes Armada e Diplomática ou suporte da Luta?

A nossa de Luta de Libertação Nacional não se manifesta apenas na expressão do confronto armado mas ela é compreendida, fundamentalmente, como uma resistência global na qual fazem parte diversas vertentes, sendo as principais, a vertente armada, a vertente político-clandestina (que engloba a resistência política, a resistência económica, a resistência cultural/étnico/linguístico e religiosa) e a vertente político/diplomática!

Cada uma delas é parte indispensável do conjunto e cada uma delas ocupa também a importância que lhe confere no contexto de toda a Resistência à ocupação!

4.a- Pelos condicionalismos específicos em que se desenvolve a nossa luta de Libertação Nacional (uma luta que sobrevive das cinzas da sua própria

destruição", uma luta que continuará sobrevivendo da sua própria geiva, de inúmeros sacrifícios sem conta, o imenso mar de sangue derramado pelos filhos de Tmor Leste, de milhares de cadáveres sem campas ou enterrados em valas comuns, etc) a Frente Diplomática passou a desempenhar um papel decisivo na solução final da questão, importância essa determinada pela definição da estratégia global de solução para o conflito timorense.

Estratégia de solução global essa que reflecte em si mesma as mais variadas dificuldades por que a nossa luta mm atravessa e a necessidade de nos buscarmos as soluções mais adequadas e viáveis para se conseguir paz justa e duradoira para a nossa terra.

Mas as vitórias diplomáticas da nossa luta dependem, em grande parte, da contínua resistência no interior. As vitórias da FD, são, quanto a nós, a síntese dos esforços desenvolvidos no plano interno e a capacidade de im imaginação da mesma.

4.b- A Frente Armada, as FALINTIL, sempre desempenharam um papel determinante no processo de Libertação da Pátria, pela sua capacidade de manter viva a chama da luta em todas as frentes de combate! As FALINTIL desempenham, por isso mesmo, o papel determinante na manutenção da Luta Armada, na consolidação da UNIDADE NACIONAL, na Direcção do processo de Libertação da Pátria constituindo por isso mesmo, uma fonte de inspiração para a luta, mmmmmmm para a qual, homens e mulheres, velhos e crianças, todo o nosso povo vem depositando sobre os seus cadáveres, a esperança de algum dia ver a Pátria libertada das masmorras do colonialismo javanês!

Encarando dificuldades de toda a ordem, sem munições, sem armas, sem meios de sobrevivência, as FALINTIL desprezam tudo quanto uma vida normal oferece para se entregar total e inteiramente à luta, colocando-se na mm frente mais difícil de combate e mais perigosa, aceitando contìnuamente a sua exterminação como um sacrifício que a Pátria exige!

4.c- Mas elas, as FALINTIL, nunca poderiam sobreviver sem o apoio popular; mm elas não podem apartar-se das massas populares porque, de contrário, elas perderiam a sua própria razão de ser!

Sem o apoio popular que desfrutam os "50 fugitivos de'79", nunca poderiam ter sobrevivido até hoje! Se não houvesse os levantamentos populares em de '82, em Kablake, se não fosse os levantamentos generalizados em '83, em vários pontos do país, cremos que os "50 fugitivos de '79" estariam hoje reduzidos à uma só pessoa! Se não tivessem sido criadas condições políticas, não teria havido levantamentos populares, em '92/93, em Hatolia, Kailaku e Atsabe, ainda que desarmados e a Fronteira Norte não teria sido hoje uma nova zona de luta armada!

Estes levantamentos populares nunca teriam sido possíveis se não houvesse

uma rede clandestina capaz de desenvolver as tarefas definidas pela Direcção da Luta, organizando na clandestinidade o nosso Povo para resistir à ocupação, mobilizando-o a executar tarefas da luta compatíveis às suas condições específicas!

4.d- Esta organização é a Frente Clandestina da Resistência cuja tarefa fundamental foi e continuará sendo a de organizar e mobilizar politicamente o nosso Povo para a luta, já que sem organização e sem Direcção não poderá haver resistência e, consequentemente, não haverá vitória!

E nesta forma de luta difícil o nosso Povo vem manifestando ao longo dos anos determinação e firmeza na luta descobrindo, nos períodos extremamente críticos, sempre novas formas de resistência!

E milhares de compatriotas, homens, mulheres, velhos e crianças, intelectuais e analfabetos, responsáveis e militantes, vêm doando as suas vidas, após cada onda de desmantemamentos, em cada acto de barbariedade e de massacre indiscriminado. Prisões e desterros, torturas e maus tratos sempre constituiram o quotidiano da vida do nosso povo nas vilas, campos e cidades! Tudo isso porque, as vítimas, os mortos e os vivos, sempre se identificaram na Resistência, dando comer, roupa, informação e segurança, fazendo ligação entre a FA e FC, entre os diversos grupos noutros pontos do território, entre a FC e o Exterior ou até mesmo participando em levantamentos, etc!

Pelo desenvolvimento da situação militar das FALINTIL, reduzidas e condenadas à exterminação final, portanto incapacitadas de fazer face às ofensivas militares do ocupante, nas suas operações de contra-guerrilha territorial, e pelo desenvolvimento ainda das condições políticas criadas nas rectaguardas do inimigo, a luta política veio ganhando um novo vigor! A Juventude Maubere, muitos dos quais não têm memória da invasão que vinham ganhando gradualmente consciência da situação da sua Pátria, assumiu também conscientemente o seu papel histórico de continuidade, passando a protagonizar uma luta política mais aberta de desafio e de repúdio à presença javanesa! Desde '89, a partir da visita do Sto. Padre à nossa terre, que a Juventude Maubere passou a desencadear sucessivas manifestações v vindo a culminar em Sta.Cruz da qual foi brutalmente reprimida pelos soldados do assassino Soeharto!

Este trágico massacre que resultou na morte de mais de 2 centenas de jovens, no desaparecimento de outras centenas, pode ter criado uma maior indignação da Comunidade Internacional e tornou possível uma visibilidade maior da Comunidade Internacional sobre a nossa luta!

Não podemos, por isso mesmo, minimizar os sacrifícios consentidos por milhares de nossos compatriotas, não podemos reduzir a participação do nosso povo apenas ao simples envio de informações, ao apoio logístico e medicamentoso, ao estabelecimento de canais para informação mútua das diversas

frentes, pois apreciar de forma simplista a participação do nosso povo é insultar o imenso mar de sangue derramado pelos nossos compatriotas, é minimizar o trágico massacre de Sta.Cruz e os seus efeitos na nossa luta tanto no plano interno como e, sobretudo, no plano internacional.

Mas o Massacre de Sta.Cruz, não pôs, nunca pôs Fim a tudo como pretende os indonésios . Nos fins de '94, depois de 2 anos de"inactividade", a Juventude de Maubere soube, mais uma vez, protagonizar uma luta política sem precedentes! Das sucessivas manifestações em Díli e nalguns pontos do território, como em Baucau e Ermera mas, sobretudo, o espectacular assalto à embaixada americana em Jacarta, por aquele punhado de Jovens, mx nas vésperas da reunião da APEC, apenas vem provar que em TL jamais haverá capitulação política do Povo Maubere ante os invasores e ocupacionistas ainda que as FALINTIL, o seu Braço Armado fosse totalmente exterminado algum dia da face da terra!

Se afirmarmos que a firmeza do nosso Povo constitui o grande suporte da nossa Resistência e a determinação dos combatentes da FC a base segura em que se assenta a luta do nosso Povo, todos nós devemos concordar que a FC não é apenas "parceira forte" da FA e FD, mas, ela é o verdadeiro suporte da nossa luta, a base de apoio das FALINTIL e o recipiente de dados para o nosso combate diplomático! Porquê? Porque a Frente Clandestina é parte inseparável de toda a Resistência, ela constitui a própria razão de ser das FALINTIL e o grande suporte da Frente Diplomática! Já a UDT, podemos considrá-la de parceira histórica, porque embora participassemos todos na Resistência, tivemos que optar pela política de UNIDADE NACIONAL e estabelecer alianças pplíticas para que, de mãos dadas, lutássemos todos hoje pela Libertação da Pátria Comum! Entretanto, a UDT ainda não é parte componente do CNRM, embora houvesse compromisso para uma futura integração no CNRM, já as três frentes da nossa luta são,entre si, indispensáveis e inseparáveis. Aqui, reside a diferença fundamental!

Ao analisarmos aqui este pormenor importante da nossa Rsistência não desejamos sobrevalorizar uma dada frente da nossa luta, uma dada componente da nossa Resistência e subestimar uma outra parte, uma outra frente. Mas tão sòmente desejamos estabelecer uma relação de interdependência e de condicionamento mútuo, desejamos compreender tão sòmente o dinamismo que devemos buscar na apreciação da situação, na definição da importância que cada frente da nossa luta assume em cada período histórico de desenvolvimento a fim de que saibamos definir a importância e prioridade das tarefas a serem executadas e conduzirmos correctamente os nossos esforços na busca de solução para os gravíssimos problemas da nossa Luta de Libertação Nacional e conduzí-la à vitória!

5 - Como vencer a guerra? Solução militar ou política?

As dificuldades sempre acompanharam a nossa guerra desde o início da invasão até hoje e elas permanecerão enquanto não alcançarmos a Libertação da Pátria! Ao longo

dos quase 20 anos da sua existência, a nossa Luta de Libertação Nacional sempre veio experimentando períodos extremamente difíceis, epócas particularmente críticas e fases muitas vezes emocionantes e cheias de especulações.

A Frente Armada sempre desempenhou em toda a história da nossa Resistência um papel determinante na manutenção da chama da nossa guerra, na manutenção da chama da consciêcnia patriótica do nosso povo, tornando-se o símbolo da UNIDADE do Povo na luta e assegurando os sucessos da nossa acção diplomática, mantendo a questão de Timor Leste na Agenda da ONU, como um caso internacional.

Do resultado dos sucessos obtidos nas ofensivas militares do inimigo contra os guerrilheiros, empenhando os mais diversos tipos de forças e aplicando tácticas mais diversificadas, colocam hoje as FALINTIL à beira da exterminação final,uma situação pràticamente inevitável por inelutável! As FALINTIL vão sendo exterminadas, estão exterminadas e enquanto a guerra durar, teremos que assistir um dia, a sua exterminação final, nisso estamos conscientes!

Mas, em contra-partida, o orgulho de ser um Povo cuja Pátria foi invadida e ocupada, a brutal humilhação a que lhe foi imposta pelos invasores, tornando-os escravos dos ocupantes e "estrangeiros na sua própria terra", a consciêcnia patriótica do nosso Povo, a resistência política do nosso Povo veio consolidando, ampliando e ocupa hoje, no actual período histórico da nossa Resistência, um papel decisivo na alteração da situação a favor da nossa luta! Hojé, os generais indonésios se assustam com a capacidade da organização e mobilização política do nosso Povo e toma a Frente Clandestina da nossa Resistêcnia como sendo a mais perigosa a considerar.

Isso porque quando em '89, da constatação da nossa incapacidade, da incapacidade da RA, de neutralizar os efeitos da nova estratégia militar do inimigo, a estratégia de contra-guerrilha territorial, cuja execução sempre foi coroada de êxitos, traduzidos hoje na exterminação de mais de dois terços dos efectivos das FALINTIL existentes até '86, ano em que os estrategas militares indonésios inauguravam o início da aplicação da referida estratégia, pelo desenvolvimento e consolidação das condi ções políticas criadas na linha da rectaguarda do IN, favorecidas com a "política de abertura do território" decretado por Soeharto, a Direcção da Luta optou por uma nova estratégia política de luta, a de proceder a inversão de papéis nas forças da Resistência no terreno, provocando novos avanços pela perspectiva dos Direitos Humanos, já que a estratégia de "bater nos centros importantes de decisão internacional! EUA, União Europeia, e Austrália, etc", só poderia surtir efeitos, se pudêssemos bater nos aspectos que lhe são sensíveis.

Nessas condições cabia, fundamentalmente, à FC mobilizar o nosso Povo para a luta política, tarefa para a qual a Juventude Timorense assumiu o seu papel histórico, o papel de continuidade, colocando-se à testa da luta!

Verificamos que, a partir dessa altura, a Resistêntia política assumiu um papel de primazia na agitação da opinião interna e internacional, enquanto que as FALINTIL descem no terreno! A visita do Sto.Padre foi um facto, o Massacre de Sta.

Cruz provocou as mudanças que a nossa luta necessitava!

Os últimos acontecimentos de Díli e na Indonésia com a ocupação da embaixada americana e ainda o massacre de Liquiçá provaram que é necessário vertermos o nosso sangue, é necessário passarmos a novas acções de qualidade para que se produza efeitos correspondentes no plano interno e externo!

Hoje, a nossa luta deixou de ser esquecida, os países defensores da democracia e dos DH começaram a "preocupar-se" com o problema de Timor Leste. Verificamos que o problema dos DH parecem ocupar o papel de defesa dos nossos mais sagrados direitos, o direito à auto-determinação e independência, levando as potências ocidentais, aliados políticos e económicos da Indonésia a insistirem a Jacarta para buscar uma solução diplomática para TL e pelo respeito dos DH no território!

A questão de TL deixou de merecer a ignorância dos povos da área para passar a ser uma questão viva e preocupante da área! A solidariedade por TL na área cresce e se desenvolve. A Conferência de Manila marcou o ponto de viragem! Isso deveu-se fundamentalmente ao Massacre de Sta.Cruz que provocou a indignação da Comunidade Internacional e Jacarta perde aos poucos terreno ao nível da área na qual ele desempenha um papel predominante!

Na Indonésia, também os tempos vão mudando a visão e percepção do problema de TL pelos políticos, pelos generais, pelo povo indonésio e, de uma forma particular, pela Juventude!

O regime continua forte, não se prevê mudanças do regime a curto prazo mas a oposição democrática começa a manifestar-se e algumas pessoas até defendem pùblicamente o direito do nosso Povo à auto-determinação.

Existe hoje, entre a oposição democrática da Indonésia, a perspepção de que é necessário estabelecer-se um maior relacionamento de luta do Povo de TL pela auto-determinação com a democratização da Indonésia. Verifica-se e sente-se uma mior interdependência das nossas acções! Isso deveu-se à correcção da estratégia de "indonesiação da guerra de TL", que a RENETIL protagonizou e o nosso Líder Máximo assumiu o papel de vanguarda, encarnando hoje esta luta na prisão!

Tudo isso prova a validade da estratégia global de solução diplomática traçada pelo Cmdo Superior da Luta e confirma a inoperância de uma solução militar, aliás, nem temos mínimas condições para se pensar nisso!

O Plano de Paz do CNRM constitui o método fundamental para a materialização da estratégia global traçada com garantias de segurança!

A sua implementação por fases, garante todas as condições para que uma solução internacionalmente aceitável seja conseguida mas assegura também, no plano imediato, a sobrevivência das FALINTIL, se conseguirmos a implementação da sua primeira fase, para a qual nós todos devemos estar empenhados a conseguir!

O processo negocial em curso entre Portugal e a Indonésia sob os auspícios do Sec-Geral da ONU, constitui o meio mais eficaz de alcançar uma solução internacionalmente aceitável para TL, muito embora a Resistência Timorense nunca tivesse parti-

pado até aqui, apesar de que a resolução 37/30 da ONU de '82 contemplasse aos timorenses o direito à participação, tanto mais que os timorenses são a parte mais interessada na questão.

O processo de "reconciliação" é uma arma política de fabricação javanesa para a defesa dos seus interesses, dividindo a Resistência! Os protagonistas da "reconciliação" se identificaram com os interesses de Jacarta, mas muitas pessoas estão desiludidas com as aparências, com as promessas de "reconciliação". Alguns defensores da independência não conseguem esconder a sua simpatia com a "reconciliação".

O diálogo intra-timorense embora pudesse constituir um meio de entendimento, não garante nenhuma perspectiva de solução duradoira para TL por estar interdito à discussão da questão política, do estatuto político do território, diálogo esse que, não é uma alternativa ao processo negocial entre Portugal e Indonésia sob mediação da ONU!

Com base na persistente Resistência do Povo de TL, dos sacrifícios consentidos pelos guerrilheiros das FALINTIL, pela Juventude Maubere aceitando massacres, torturas, prisões pelo sangue derramado e suor e lágrimas verdidas, a participação da Resistência Timorense no diálogo é hoje um dado incontornável, constituindo uma vitória alcançada pela Frente Diplomática da Resistência!

Mas os governantes indonésios também não se cansam em buscar todos os meios ao seu alcance para continuar a fomentar a divisão no nosso seio, desmembrar os resistentes timorenses e isolar a nossa Frente externa do interior. E isso passa pela formação de uma "direcção fantoche" no interior que procura assumir a liderança e representar a opinião pública timorense no interior, emanando orientações aos protagonistas da "reconciliação" que estão totalmente descreditados por se identificarem com as teses integracionistas para reivindicarem representatividade do interior§

De Abílio Araújo a Chico Lopes, o inimigo sabe que não consegue alcançar nada! Passar por dirigentes da FRETILIN que ou sempre estiveram na vila ou foram entregar-se pessoalmente ao inimigo na Base de Apoio, não oferece garantias de credibilidade porque não têem autoridade.

O único recurso será a utilização dos irmãos Má Huno e Mau Hodu que são pessoas com um profundo conhecimento das realidades específicas da Resistência e que detêm alguma "confiança e autoridade" conferida pela Resistência, em particular, da RA.

Já no ano passado o Mau Hodu defendeu a solução de autonomia especial para Timor Leste querendo levar-nos a aceitá-la mas foi rejeitado!

Surpreendeu-nos as últimas posturas do Má Huno e Mau Hodu reflectidas na Resolução Nº1/95, de 25 de Fev/95, na qual decidiram assumir a liderança da CDF, como Secretário e Vice-Secretário respectivamente e transferir a CDF para a cidade, à FC, sem, entanto, definir a relação que irá existir entre a CDF e o CEL/FC, sem obedecer mìnimamente as regras de funcionamento da organização!

A propósito, afora as suas "boas intenções" de "defesa" do Plano de Paz do CNRM, nós

nós queremos levantar aqui algumas questões que julgamos serem necessárias clarificação para que não se crie mais confusão na confusão que o inimigo procura lançar para provocar dúvidas, para fomentar desconfianças, para desacreditar as estruturas e para torná-las inoperantes!

Se desejam assumir a liderança da FRETILIN, querendo fazer analogia à situação do Cmdt-das-FALINTIL, ninguém negou ainda o reconhecimento na pessoa dos dois como líderes. Mas pergunta-se: Porque então que não assumiram as suas responsabilidades logo no início, tendo em conta que há muito que também estiveram em liberdade condicional? É porque só agora? O que na verdade pensam fazer quando pretendem assumir a liderança? Qual o programa de acção na Frente Clandestina? Qual a relação que estabelece entre a "CDF" dos dois e as estruturas existentes, o CEL/FA e o CEL/FC? Estão realmente dispostos a assumirem as suas responsabilidades, aceitando correr os riscos provenientes da sua decisão? Ou querem apenas fazer figura de palhaço, como elementos actores da peça teatral indonésia, montadas à pressa para cobrir lacunas diplomáticas?

Desejamos esclarecer também, aliás, eles são profundos conhecedores da nossa realidade e sabem também que os indonésios nos chamam de analfabetos, todos quantos estamos nas montanhas, que se os dois estão dispostos a assumir as suas responsabilidades, aqui no mato precisamos imenso deles! Os guerrilheiros das FALINTIL que eles os abandonaram, estão de braços abertos para os receber, em qualquer altura, a qualquer hora do dia. Estarão dispostos a isso? Pensamos que não é cidade basta o nosso Líder Máximo na prisão e as estruturas existentes que, apesar das dificuldades de toda a ordem, provaram estar capazes de realizar acções decisivas!

São uma infinidades de perguntas que queríamos colocar-nos a nós mesmos já que eles que se auto-proclamaram os "responsáveis máximos da CDF", nem sequer se dignaram a escrever-nos, apesar de facilidades de meios, para nos informar dos seus projectos; porque pensámos que as ideias não podem estar sòmente no papel e para serem executadas, devem, em primeiro lugar, ser comunicadas e esclarecidas!

Queremos colocar estas questões todas porque não podemos contentar-nos com as aparências e tomar decisões precipitadas, tendo em conta o actual momento político/diplomático da nossa luta no qual Jacarta ensaia novas manobras políticas para tirar proveitos diplomáticos!

Jacarta sabe que não pode vencer a guerra pela guerra, apesar do seu enorme poderio militar, apesar das suas enormes potencialidades, dos seus meios e recursos para sustentar o prolongamento da guerra! A história das guerras provou que soluções militares não resolvem a guerra, apenas adiam-na para mais tempo e a nossa apenas confirma!

Para o efeito, face a já incontornável participação dos timorenses nas negociações sobre o futuro da sua terra e face também a consolidação da unidade dos diversos componentes da Resistência no exterior, pela formação da CCFD como o órgão máximo e unificador das estruturas da Resistência Timorense, acontecimento que consideramos

de uma vitória retumbante sobre o IN, Jacarta tenta procurar ensaiar novas manobras políticas de divisão no seio da Resistência Timorense, tentando infiltrar mais profundamente nas suas fileiras! Jacarta sente a necessidade de buscar uma solução diplomática para resolver o conflito mas não está disposta a negociar sèriamente uma solução que beneficiasse a Resistência Timorense! Para o efeito, procura jogar sempre novas ~~manobras~~ manobras políticas para dividir a RT, para dificultar o curso das negociações e tirar daí dividendos diplomáticos! Nós pensamos que a "reconciliação" continua sendo o elemento político indispensável para as manobras políticas/diplomáticas de Jacarta!

A formação de uma "direcção política" capaz de cativar a confiança da Resistência no interior e no exterior para possuir uma autoridade política na tomada de decições e orientações é uma prioridade para o governo indonésio. E elementos possíveis a serem utilizados pode ser Má Huno e Mau Hodu. Enquanto eles não clarificarem as suas posturas, pensamos estar no direito de questionar e manter a desconfiança, tomando atitudes prudentes pelos interesses da Pátria!

A UNIDADE NACIONAL não deve servir de instrumento político para satisfazer interesses pessoais ou de grupos que nada representam! A UNIDADE NACIONAL deve, fundamentalmente, servir os interesses do todo o Povo de Timor Leste, como uma condição indispensável para a sua vitória e não como um meio para a infiltração dos agentes do inimigo, provocando a divisão e a derrota da luta do nosso Povo!

'A BEM DA LUTA !

PÁTRIA OU MORTE ! A LUTA CONTINUA !

Nas áreas do Cruzeiro Sul, em Timor Leste, nas montanhas, 17 de Maio '95.------

Pel' O C N R M,

CONSELHO NACIONAL DA RESISTÊNCIA MAUBERE
CNRM

NINO KONIS SANTANA
Membro do CNRM e
Chefe do CEL/FA

KERI LARAN SABALAE
Membro do CNRM e
Secret. do CEL/FC